

**GOR.DÊN.CIA (subst. fem. adj.)**

- i. Sensação corporal prazerosa de existência em corpos gordes;
- ii. Movimento impulsionado por e criado por vivências gordes;
- iii. Prazer escorregadio;
- iv. Amor pela gravidade;
- v. Cremosidade, aderência, curvas aquosas;
- vi. Adiposidades sinceras, banhas queridas;
- vii. (adj: gordente) pessoa gorda que se move em busca do prazer corporal, abdicando dos padrões impostos;
- viii. (adj) situação/evento de protagonismo gorde;



Gordência é um termo por mim criado devido à necessidade de uma palavra que remeta ao prazer da gordura, ao prazer de ser gorda e desfi(l)ar essas banhas e curvas que sou. Atualmente é possível encontrar por meio de uma busca na internet várias reportagens e até mesmo dissertações sobre o tema da gordofobia (fobia e preconceito com pessoas gordas). Entretanto, faz falta uma palavra que significasse o inverso: o prazer da gordura, do corpo aquoso, mole em dobras. A própria inexistência, até então, de uma palavra que signifique tal prazer comprova como os corpos gordos são vistos como apartados do prazer. Cada corpo gordo com suas mais variadas formas é uma espécie de manifesto vivo-ambulante. A resistência de tais corpos se dá malemolentemente em ondas, corpos que se dobram em si abarcando potências inexploradas. Estar bem e poeticamente confortável dentro de um corpo gordo é questão de saúde. Não dominar e nem estar rijo a um corpo exclusivamente composto de músculo é saber ser oceano em si. O mar é a grande Calunga<sup>1</sup>, já dentro de nós Calungam os padrões. É da necessidade da gordência ser maior e reinventar o mundo para que caiba em si – e não um si para caber no mundo.

Corpos de dobras, são corpos livros, são páginas fartas. Celulites e estrias são leitões de rios sobre o corpo-terra, fertilizante de beleza própria. O corpo gordo se assume em todo seu relevo de cânions a desertos. Seus pelos são matas ciliares – proteção.

Esse corpo prazeroso é território e geografia. Gordentes estão do outro lado da gordura, lado escuro da dobra, a léguas da gordofobia. Gordes<sup>1</sup> gordentes estão atives buscando outras narrativas antônimas a fobia e ao nojo. Pensamento indissociado do corpo que existe por prazer, cada dança, mergulho, poesia criadas são táticas de re-existência.

Somente quem pode sentir gordência são pessoas gordes. Esse prazer é exclusivo e não é sentido necessidade de nenhuma pessoa magra participar. Mesmo ao falar essas pessoas magras já estão supondo, pois nunca sentirá com tanta frequência nenhuma de nossas aderências e ardências. Não possuem essa vivência no corpo. Suposições não nos cabem, somos inteiras, agitadas e esparramadas – fora do molde, exigimos lugar de fala. É na carne que tudo começa, é no prazer de não-caber que gordências se alastram em nós. Não é só por comida, gordência é o prazer da gordo-existência. A gordência é também lugar de desejo, ou seja, não está dado a todo corpo gordo desfrutar automaticamente da gordência. Para que isso aconteça é necessário *reconheSer-se* e a partir daí buscar o prazer mole e natural dançante das dobras. Todos os corpos gordos abrigam tal prazer, mas o caminho para encontrá-lo é íntimo, particular e recompensador. A gordência que balança as certezas do ideal, convida o corpo para ser o que se é, para que não se molde. A gordência refuta as imposições da sociedade que julgam nossos corpos e sempre nos convidam a desgostar do mesmo. Esta palavra surge como antônimo à palavra gordofobia. E desfruta da hibridez podendo *ser-estar* substantivo e adjetivo:

Exemplo:

A gordência auxilia na reinvenção de si. (substantivo feminino)

Olha que gordência de dança. (adjetivo)

Eu não me peso, não interessa, sou gordente. (adjetivo variação)

Em arte, é importante frisar uma rede contemporânea de artistas gordentes que incluem: Aline Luppi Grossi, Alla Soüb, Luare Erremays, Kono Missoginia, Fernanda Maga, Nanny Ribeiro, Rhaiza Oliveira, Jota Mombaça, Miro Spinelli, Bibi Abigail, Iris Marwell e etc.

